

Artigos Livres

Arriano de Nicomédia e Plutarco de Queroneia: a identidade Greco-Romana, a excelência viril e o bom governante em Alexandre da Macedônia

Arrian of Nicomedia and Plutarch of Chaeronea: Greco-Roman identity, virile excellence and the good ruler in Alexander of Macedonia

Henrique Hamester Pause,¹ UFSM

Resumo

Alexandre da Macedônia foi uma figura que, pelo menos nas visões de Arriano de Nicomédia e Plutarco de Queroneia, servia de modelo para o *princeps* romano. Ambos os autores que viveram durante os séculos I e II d.C. compartilharam a escolha de escrever sobre as façanhas de Alexandre Magno e os enredos que envolvem entraves, vitórias, amores, comportamentos e derrotas que ele teria tido. Contudo, Plutarco e Arriano tinham um projeto político pedagógico por trás de seus escritos. Este artigo, portanto, objetiva estudar como Alexandre aparece nas obras *Vida de Alexandre* de Plutarco e na *Anábase* de Arriano, destacando, entre outros elementos, a importância de se manter uma postura viril, ligada ao ideário *vir* romano, característica essencial para um governante nas visões de Plutarco e Arriano.

Palavras-chave: Arriano de Nicomédia; Alexandre da Macedônia; Bom governante; Plutarco; Virilidade.

Abstract

Alexander of Macedon was a figure who, at least in the views of Arrian of Nicomedia and Plutarch of Chaeronea, served as a model for the Roman *princeps*. Both authors, who lived during the 1st and 2nd centuries AD, shared the choice to write about the exploits of Alexander the Great and the plots involving obstacles, victories, loves, behaviors and defeats that he would have had. However, Plutarch and Arrian had a political-pedagogical project behind their writings. This article, therefore, aims to study how Alexander appears in *Plutarch's Life of Alexander* and Arrian's *Anabasis*, highlighting, among other elements, the importance of maintaining a virile posture, linked to the Roman *vir* ideal, an essential characteristic for a ruler in the views of Plutarch and Arrian.

Keywords: Arrian of Nicomedia; Alexander of Macedon; Good ruler; Plutarch; Virility.

Introdução

A figura de Alexandre Magno, ou Alexandre da Macedônia, é constantemente lembrada. Seus companheiros de viagem Calístenes de Olinto e Ptolomeu I do Egito teriam sido seus primeiros biógrafos. Logo após a morte do conquistador dos persas, alguns

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre (2021) e graduado (2018) em História pela mesma instituição. É orientado pela Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva (UFU/UFSM) e Bolsista CAPES. Tem como foco de pesquisa as áreas de Alexandre, o Grande, Arriano, História Antiga, História Romana, Homoerotismo, Marcial, Plutarco. E-mail: henriquepause@hotmail.com

governantes dos reinos Helênicos, que resultaram das guerras de sucessão e fragmentação do império de Alexandre, já passaram a usar sua imagem como fonte de legitimação e poder. Contudo, as representações de Alexandre não ficaram apenas nesse momento histórico e transcenderam aos períodos romano, Medieval, Moderno, chegando até hoje através do cinema, séries de televisão, *streaming* ou jogos online.

Dentro do período romano, podemos destacar alguns poetas que se dedicaram a escrever sobre Alexandre.² Os principais são Diodoro Sículo (90 – 30 a.C.), autor da obra *Biblioteca Histórica*, Quinto Cúrcio Rufo (século I d.C.), autor da única narrativa em latim sobre Alexandre de nome *História de Alexandre*, Plutarco de Queroneia (46 – 120) autor das obras *Sobre a Fortuna ou Virtude de Alexandre Magno* e *Vida de Alexandre* e Arriano de Nicomédia (90 – 146), autor da *Anábase de Alexandre Magno*.

Neste artigo, que é parte da nossa dissertação de mestrado intitulada “Alexandre Magno como Homem-Fronteira: virilidade e identidade Greco-romana na construção do monarca macedônio de Plutarco e Arriano”, defendida em 2021,³ focaremos nas obras alexandrinas de Arriano de Nicomédia e de Plutarco de Queroneia.⁴ Sobre nossos autores, em linhas gerais, sabemos que Plutarco foi um autor grego, mas cidadão romano, nascido na região da Beócia. Sua obra é uma “fonte de conhecimento dos costumes greco-romanos, pois nela se descortinam o cotidiano e o modo de vida do período” (Ziegler, 2009, p. 12). Já Arriano de Nicomédia, nascido na província da Bitínia, também grego e cidadão romano, ao contrário de Plutarco, que escrevia biografias, escrevia histórias.

Plutarco e Arriano: suas obras sobre Alexandre e o contexto de escrita

Plutarco tem suas publicações reunidas no *Catálogo de Lâmprias*, organizado por seu filho, no qual são atribuídas mais ou menos duzentas e vinte e sete obras de sua autoria. De todas, cento e trinta não resistiram ao tempo. As que sobraram foram divididas em dois grandes volumes: as *Vidas Paralelas* e as *Obras Morais e de Costumes (Moralia)*. As *Vidas* são uma coletânea de 23 pares de obras com o intuito biográfico, sendo que apenas 22

² Segundo Henrique Modanez Sant’Anna (2011, p. 11), as fontes para estudo da vida de Alexandre na Antiguidade se resumem nas obras de cinco escritores romanos: “Arriano de Nicomédia, Diodoro Sículo, Justino, Quinto Cúrcio e Plutarco”. “Esses são responsáveis por nos fornecerem não só o acesso às histórias e façanhas de Alexandre, como também o que possivelmente foi escrito e relatado sobre ele logo após sua morte, pois hoje já temos conhecimento de que as fontes contemporâneas a Alexandre se perderam” (Sant’Anna, 2011, p. 11).

³ Defendida na Universidade Federal de Santa Maria (RS), esta pesquisa foi orientada pela Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva (UFU/UFSM) e contou com financiamento CAPES.

⁴ Vale destacar que, neste artigo, das fontes plutarquianas sobre Alexandre Magno, será apenas utilizada a obra *Vida de Alexandre*.

chegaram até nós nos dias de hoje. Ainda existiriam mais quatro *Vidas* isoladas. É dentro das *Vidas Paralelas* que se encontra a *Vida de Alexandre*, na qual Plutarco coloca Alexandre em comparação ao general romano Júlio César. Percebemos, assim, uma prática comum do autor que sempre descreve a vida de um grego ilustre ao lado da vida de um romano também ilustre, cuja carreira apresenta alguns pontos semelhantes com o grego comparado (Harvey, 1998). Ao final das *Vidas*, Plutarco deixava sempre um breve resumo de comparação entre os dois personagens apresentados. No entanto, esse resumo nas *Vidas* de Alexandre e Júlio César, infelizmente, foi perdido.

A obra *Anábase*, de Arriano, fazia parte de um conjunto de obras escritas pelo historiador sobre o general macedônio. A *Anábase* está escrita em sete livros que relatam os empreendimentos militares do rei macedônio, seguida pela *Indiké*, concebida como o livro oito da obra anterior, e *Os acontecimentos após Alexandre*, caracterizado como um tratado de dez livros sobre os Diadoques (Leme, 2008). Nessa obra, Arriano busca a escrita de uma *Historia Magistra Vitae de Alexandre*, considerada por ele ainda não escrita, a exemplo dos escritos de Xenofonte (430 – 355 a.C.). A partir disso, se percebe a busca pela exposição da *paideia* do rei macedônio, ou seja, a valorização da sua formação educativa como líder enquanto discípulo de Aristóteles.

Como podemos perceber ambos são autores gregos, mas inseridos dentro do universo romano. Seria através de suas obras que os autores mesclam elementos helênicos (*paideia*) com o *mos maiorum* e demais elementos romanos debatendo, por fim, o bom *princeps*, o bom governante. Existe, portanto, um grande debate sobre a presença da *Paideia* grega e a preservação dos bons costumes romanos em Alexandre, nas obras de Arriano e Plutarco que podem ser demonstradas, ou melhor, fazem parte também na presença de masculinidade, ou virilidade, no conquistador dos persas.

A obra de Plutarco, *Vidas Paralelas*, bem como a *Anábase de Alexandre Magno*, de Arriano, têm construções sobre elementos de gênero bem estabelecidos, mesmo frente a um personagem ambíguo como foi o do rei macedônio em relação a elementos de virilidade e homoerotismo. Assim sendo, é nessa mesma ambiguidade que os escritores reforçam o que é masculino e o que é feminino, o que é viril e o que é efeminado, o que é “civilizado” e digno de um homem que possuía a *humanitas* latina e o que é bárbaro e selvagem, aquele que possuía a *ferocitas*/ἀγριότης – *agriótes*.⁵

⁵ Na obra *Vidas* de Plutarco, mais precisamente na *Vida de César* (PLUT. *César*, XXXIX, 3), é encontrado o termo ferocidade/feroz (ἀγριότης – *agriótes*) e insensibilidade (ἀπάθεια – *apátheia*), se referindo aos inimigos de César que possuíam um comportamento/espírito de besta (θηρίον – *thērion*). Todos os termos são usados

Portanto, tais obras nos permitem pensar tanto elementos de virilidade articulados ao poder romano, como questões sobre a construção de uma identidade cultural greco-romana, uma vez que os autores colocam Alexandre como modelo de virilidade, romanidade e helenidade frente aos bárbaros. Ou seja, como uma espécie de “modelo civilizatório”. Assim, podemos perceber como dois homens originários das elites provincianas se colocaram frente ao poder de Roma, em uma Grécia conquistada, escrevendo em tom moralizador e educador, não só para a aristocracia da cidade de Roma, mas para os imperadores, pensando aqui a escrita como forma de poder e ação no mundo romano.

Diante disso, vemos como o mito de Alexandre adquiriu um valor pedagógico frente ao Império Romano, visto que o Principado já havia passado por maus exemplos de governantes,⁶ conforme a visão da aristocracia da qual estes autores faziam parte. Portanto, acreditamos que Alexandre foi colocado como figura de exemplo por Plutarco e Arriano frente aos *princeps*, servindo ao que se devia e não devia fazer quanto se é governante, mostrando que tudo o que Alexandre teria conseguido, seu imenso império e suas vitórias, se deviam à sua educação (*paideia*) e sua moderação e autocontrole ao seguir as normas de gênero e fazer bons usos dos prazeres.⁷

O momento de escrita desses dois autores, os séculos I e II d.C., foi um contexto de extremo debate acerca da valorização da identidade grega em Roma e da consequente diferenciação entre o *nós* e o *outro*, o que pode ser visto em reafirmações do que é ser grego por diversos autores em Roma, bem como nos afastamentos do mundo bárbaro da cultura greco-romana das elites que governavam o Império.⁸

Além disso, durante o Principado, sempre esteve aberto o debate sobre o próprio regime político imperial e sobre quem estava mais apto para se tornar imperador ou, na visão de Plutarco e Arriano, quem estava mais preparado e instruído para tal cargo. Para tanto, é necessário analisar os postos políticos, o local social dos autores estudados e a relação deles

direcionados aos bárbaros, àqueles que são selvagens e possuíam uma vida que não era “civilizada” e que são enfrentados e combatidos por César. Tal equivalência é percebida na *Vida de Pompeu* (PLUT. *Pompeu*, LXX, 4).

⁶ Como, por exemplo, “o imperador Domiciano, último dos Flavianos, que chegou a receber a *damnatio memoriae*, ou seja, a danação de sua memória, que consistia no apagamento de sua imagem e memória pública, processo realizado pelos romanos por decreto do Senado” (Pause, 2018, p. 35). Podemos perceber a *damnatio memoriae* na obra *Vidas dos Doze Césares* (*Vida de Vespasiano*, 1, 1; *Vida de Domiciano*, 23), de Suetônio. O poeta Juvenal, na *Sátira IV*, 75, retrata Domiciano como possuidor de amigos (*amici*) que, em seus encontros com o *princeps*, demonstravam medo e terror. Vale lembrar que Juvenal sofreu dois exílios sob o reinado de Domiciano.

⁷ Uso dos prazeres é um conceito definido por Michael Foucault (1998) como a relação dada individualmente sobre a prática sexual e sobre o cuidado de si. Foucault propõe pensar o quanto os usos do prazer sexual na Antiguidade greco-romana estavam ligados a éticas e formas de conduta, relacionadas, por sua vez, não só à imagem social e à atuação política do indivíduo, mas também à sua saúde, à temperança e ao bom uso de suas forças vitais.

⁸ Definiremos a seguir o que estamos compreendendo como cultura/identidade cultural greco-romana das elites.

com imperadores romanos. Em especial, acreditamos que Plutarco e Arriano direcionam seus escritos aos imperadores Trajano (98 – 117) e Adriano (117 – 138), respectivamente.

É importante frisarmos que tanto Trajano como Adriano serão os primeiros imperadores provinciais a governarem o Império. Por mais que o imperador Vespasiano (69 – 79) já pertencesse à uma elite provincial italiana, a ascensão de um membro da elite provincial originária da Hispânia (atual Espanha), ou seja, de fora da Itália, é marcada como parte da chamada revolução social por Ronald Syme (1982) e/ou revolução cultural por Wallace-Hadrill (2008), que se inicia com Augusto (27 a.C. – 14 d.C.) a partir da inserção dos “homens novos”.

Marcus Úlpius Trajanus, ou apenas Trajano, nasceu em 53 d.C., originário de uma família senatorial da província da Bética. Sua ascensão ao trono teria se dado por indicação e adoção “espontânea” do imperador Nerva (96 – 98), que assumira após a queda do imperador Domiciano (81 – 96). Tal questão nos é contada assim por Plínio, o Jovem, em seu *Panegirico de Trajano* (*Pan.* 9, 5), “que minimiza a estratégia política de Nerva de ganhar um herdeiro que continha popularidade e apoio das legiões romanas, visto que Trajano, na época, comandava tropas na Germânia” (Gaia, 2020, p. 186). Já *Publius Aelius Hadrianus*, ou Adriano, nasceu em 76 d.C. e era também originário da Hispânia. Desde sua juventude, Adriano esteve presente junto às campanhas militares de Trajano, recebendo magistraturas e cargos administrativos em Roma (José, 2016). Sua ascensão ao trono imperial romano, porém, “é marcada por rumores acerca de sua real adoção pelo imperador Trajano pouco antes de sua morte, durante as campanhas contra os partos e de uma possível influência da imperatriz Plotina” (Gaia, 2020, p. 193).

Alexandre como Homem-Fronteira: modelo e contra-modelo de virilidade e identidade Greco-romana

Baseado nos elementos destacados anteriormente, em especial, aos que se referem à escrita de Plutarco e de Arriano sobre Alexandre Magno, espécie de “modelo civilizatório”, temos como hipótese que ambos os autores podem estar dialogando com seu próprio contexto na representação de Alexandre. Acreditamos, então, que nossos autores projetam Alexandre como uma espécie de *homem-fronteira*,⁹ um governante capaz de unir elementos culturais da

⁹ O conceito de *homem-fronteira*, portanto é fundamental. Tal conceito foi estabelecido por François Hartog (2004) que, ao analisar inúmeros viajantes do Mundo Antigo, percebeu que as identidades culturais também têm fronteiras e essas são vistas na medida em que se constrói o outro, ou seja, o diferente. Cada um dos viajantes, analisados por Hartog na longa duração, “demonstram as mudanças e reformulações no interior da cultura grega” (Hartog, 2004, p. 19). Alexandre é um deles e, portanto, por si só é uma fronteira, ou melhor, um *homem-*

paideia grega¹⁰ e da virilidade romana, fundamentais na criação de uma cultura greco-romana das elites governantes. Alexandre seria, assim, um exemplo a ser seguido independentemente de suas origens.

Portanto, Alexandre cria uma fronteira móvel, marcada pela comunicação entre ambas as partes, que repercutem na criação de encontros culturais, mas também de reafirmações de identidades e alteridades, elementos esses que vão ser usados por Plutarco e Arriano, no contexto romano, ao colocarem Alexandre como esse homem-fronteira que ainda permite diferenciar o rei moderado, filósofo e conquistador (portanto grego) do efeminado, fraco e impulsivo (o bárbaro).

Percebemos esses elementos, primeiramente, em Plutarco. Ele, ao se colocar como um pintor de um quadro biográfico de Alexandre (PLUT. *Alex.* II, 3), faz um recorte da realidade a partir de sua ótica e, desses recortes, escolhe os mais significativos, definidos por ele como aqueles “sinais reveladores da alma” (PLUT. *Alex.* III). Em sua biografia, o Alexandre de Plutarco é retratado como um personagem ambíguo, dividido entre o que poderíamos chamar de bem e mal, ou melhor, entre a filosofia e os vícios. A partir disso, entendemos o Alexandre de Plutarco enquanto um *homem-fronteira*, pois, ao construir um Alexandre virtuoso e viril, Plutarco se preocupa em diferenciá-lo de seus próprios erros e vícios apresentados, em especial, na segunda metade de sua obra biográfica *Vida de Alexandre*.

Esses elementos negativos estão sempre correlacionados ao grande “outro”, ou seja, ao bárbaro e, conseqüentemente, com elementos extravagantes, luxuosos, tidos como fracos, impulsivos e efeminados. O Alexandre de Plutarco é, ao mesmo tempo, uma fronteira entre a excelência das virtudes greco-romanas e os vícios que permeiam o universo bárbaro, como também é um exemplo do que acontece quando um homem virtuoso ultrapassa o limite e se deixa levar pelos vícios e pelos desejos. Os comportamentos virtuosos de Alexandre — sua educação grega, sua virilidade no campo de batalha e sua temperança frente aos desejos e impulsos são —, nos escritos plutarquianos, projetados enquanto elementos identitários da cultura greco-romana que deveriam servir como exemplo aos governantes romanos. Sendo

fronteira. Conquistador do mundo conhecido, Alexandre foi onde outros teriam ido apenas em relatos mitológicos e, com isso, promoveu o contato do que ele representava (o mundo grego) frente a um novo mundo (os persas/o mundo bárbaro), que precisava ser entendido.

¹⁰ O termo *paideia* é traduzido, comumente, por educação e pode ser melhor entendido, segundo Margarida Maria de Carvalho (2010, p. 24), enquanto um “conjunto pedagógico de ações que visavam guiar, tanto politicamente, como filosoficamente e religiosamente, aqueles que, sendo cidadãos, deveriam ser preparados a ocupar os mais altos cargos políticos-administrativos do governo imperial romano”. Sendo assim, quando Plutarco e Arriano, cada uma a sua maneira, refletem sobre a *paideia* de Alexandre, ambos estariam pensando suas próprias concepções sobre *paideia*, a partir do lugar social de cada um.

assim, buscaremos destacar alguns dos elementos que vinculam Alexandre a Trajano e, posteriormente, nos escritos de Arriano, a vinculação de Alexandre a Adriano.

É sabido que o autor de Queroneia mantinha relações próximas com a elite senatorial romana e, conseqüentemente, com a casa imperial. Também sabemos, por meio dos estudos de Tim Whitmarsh (2002), que a partir da ascensão de Trajano, a figura de Alexandre passou a ser retomada em alta estima pela elite governante romana. Não fica difícil crer que talvez Plutarco estivesse tentando usar a figura do rei macedônio enquanto um instrumento pedagógico para chegar ao *princeps*. Ou ainda, usasse a tão admirada figura de Alexandre enquanto um meio de justificativa das ações do *princeps*, relacionando ou mesmo elogiando as ações de Trajano através da biografia.

Sendo como for, é nosso ponto central aqui, portanto, mostrar uma narrativa constante do querônês que, ao construir um Alexandre virtuoso e senhor de si, viril/m másculo, constrói também um modelo a ser seguido, ao mesmo tempo em uma fronteira que não deve ser cruzada enquanto ideais identitários perceptíveis, por exemplo, na indumentária do rei.¹¹ Quando Alexandre cruza tal fronteira, perde seu lugar enquanto um rei moderado, um filósofo, um conquistador, e passa para o lado do bárbaro.

Partindo para as questões sobre o nascimento e a infância/juventude do rei macedônio, segundo Maria de Fátima da Silva (2012), a maioria das fontes antigas passa longe desse debate. Essa preocupação plutarquiana, em nossa visão, está correlacionada ao desejo do querônês em nos apresentar a educação – a *paideia*, que o jovem príncipe macedônio recebeu logo na sua dita infância. Plutarco, assim, diferentemente dos demais escritores alexandrinos, acredita que essa mesma educação deva ser algo a ser introduzido no futuro governante e/ou cidadão desde a tenra idade. Ao dar atenção redobrada a esses fatos, Plutarco traz, inclusive, alguns elementos mitológicos para sua narrativa. Alexandre, de forma geral, fora ligado a duas divindades olímpicas, Zeus e Dioniso, e a um herói grego, Aquiles.¹²

Diante do que foi exposto até aqui, é preciso observar que Plutarco escrevia para membros das elites romanas, em especial para a elite senatorial e para a casa imperial. Destacar a nobreza de Alexandre enquanto portador de virtudes, neste sentido, pode ter sido essencial aos olhos de Trajano, que vem de uma família nobre, porém provincial, gerado para ser imperador pela mais alta esfera romana, o Senado, a partir de sua adoção pelo melhor dos

¹¹ Tomamos as narrativas plutarquianas aqui como nos apresenta Silva (2007, p. 56), enquanto uma “manifestação cultural-identitária”.

¹² Sobre isso ver o capítulo *Alexandre, o Grande: uma historiografia sobre o ‘filho de Zeus’*, de nossa autoria, presente no livro *Mitos, Deusas e Heróis: ensaios sobre a Antiguidade e o Medievo*, publicado em 2019, sob organização dos Professores Semíramis Corsi Silva e Ivan Vieira Neto.

senadores escolhido *princeps*, o imperador Nerva (96-98). Indo um pouco mais além nos escritos de Plínio, o Jovem, em especial em seu *Panegírico A Trajano*, obra em que o autor tece elogios a Trajano, também há uma associação do *princeps* com Zeus e a Hércules. Algo que, em nossa visão, além de realçar a posição de Trajano como “maior e melhor”, através do título de *Optimus* concedido pelo Senado, também busca criar uma imagem imperial viril.

Mas apenas a descendência não era o suficiente tanto para Trajano, como para Alexandre¹³. Segundo Plutarco, tais elementos foram somente o solo fértil onde, com o auxílio da *paideia* – educação –, a virtude (*ἀρετή* – *areté*) poderia ser cultivada e, assim, o homem virtuoso e, portanto, viril, assim como o bom governante estaria assegurado. Novamente percebemos essa preocupação de Plutarco com a educação de Alexandre muito antes de trabalhar suas virtudes, quando o escritor faz questão de nomear todos os tutores responsáveis pela educação de Alexandre. Os primeiros teriam sido Leônidas, parente de Olímpia, tido como alguém ríspido e de conduta austera, e Lisímaco, indivíduo oriundo da Acarnânia e que se auto intitulava Fênix, em alusão ao mestre de Aquiles (PLUT. *Alex.* V, 5). Ambos são sucedidos pelo famoso Aristóteles.¹⁴

Além disso, sabe-se que a educação de Alexandre, ainda na corte de Filipe, era voltada para a perspectiva de suceder seu pai. O queronês ainda nos deixa claro que consistia aos pais se preocuparem com a educação de seus filhos e, muito mais do que lhes dar ordens, deveriam persuadi-los e os “conduzir através da razão a seus deveres” (PLUT. *Alex.* VII, 1-2). Plutarco, assim, reflete sobre quem deveria governar. Ao apresentar seu Alexandre, seja pelas preocupações políticas, expansionistas ou culturais de Filipe, ser educado aos moldes gregos

¹³ Gaia (2020) nos lembra que existe uma espécie de propaganda realizada pelos Antoninos da escolha “do melhor”, que definiria quem deveria assumir o trono imperial romano. Ao ser iniciada por Nerva com a adoção de Trajano, esse tipo de escolha do mais capacitado continuou até Marco Aurélio, que teria escolhido seu filho, Cômodo, quebrando assim a tradição que, segundo Gaia (2020) é defendida por muitos historiadores como a chave para o sucesso da dinastia Antonina. Contudo, segundo esse mesmo historiador, tal “propaganda” é falsa, visto que também é falso que “os Antoninos rejeitaram a transmissão do poder hereditário e que primaram pela ‘adoção do melhor’”. “A adoção do melhor”, da forma como foi concebida, só pode ser aplicada para o caso de Nerva quando adotou Trajano. A adoção foi uma regra, sim, mas não necessariamente a do melhor. [...] Nesse caso, essa tese não se sustentou, pois a adoção tem que ser vista mais como um recurso a um meio artificial para manter uma linhagem de poder, que deveria administrar o Império e dar continuidade aos projetos, e não como um projeto proposital de se escolher ‘o melhor’ para governar Roma. [...] O sistema continuou muito parecido com o de Augusto dentro da *Domus Augusta*, pois de Trajano a Cômodo, os escolhidos pertenciam à *Domus Imperial* centrada em um *princeps* que também era *dominus*” (Gaia, 2020, p. 179-180).

¹⁴ Aristóteles foi um filósofo que nasceu por volta de 384 a.C. e, como muitos jovens de sua época, viajou para a cidade de Atenas a fim de seguir os passos dos sofistas. É possível que ele tenha sido discípulo de Sócrates, mas sua maior formação se deu na Academia de Platão. “Terminada essa formação, Aristóteles foi embora de Atenas e se instalou na corte do rei Hérmiias de Atarneia, depois foi para a capital da Macedônia, Pela, voltando a Atenas tempos depois, em 335 a.C., onde fundou o Liceu, local em que ensinou até seu exílio pouco antes de sua morte, em 322 a.C.” (Ziegler, 2009, p. 113).

através do convite, ou melhor, da coerção,¹⁵ da vinda de Aristóteles para a corte macedônia insere Plutarco dentro de “uma longa tradição de escritores que intentaram educar os romanos à moda grega” e que, para isso, usaram “em suas obras um ideal de *paideia* capaz de gerar governantes virtuosos” (Silva, 2007, p. 183).

Plutarco nos conta que Alexandre se dedicou, sob a então tutela de Aristóteles, aos estudos da moral, da política e das ciências profundas e secretas (aqui entendidas como práticas de cura) (PLUT. *Alex.* VIII). É durante a sua infância e, portanto, ainda sob os ensinamentos de Aristóteles, que Alexandre começa a dar seus primeiros sinais de um amplo desejo por conhecimento e curiosidade, assim como mostra o desejo de possuir um autodomínio de si, e a temperança. Percebemos esses primeiros sinais em dois episódios específicos. Um deles é quando Plutarco relata a emblemática visita de uma comitiva persa que chega à Macedônia na ausência de Filipe II. Durante o banquete, a comitiva fica espantada com as perguntas do jovem príncipe que se preocupa em entender as histórias e a geografia do Império Persa muito mais do que com banalidades e infantilidades que seriam esperados de alguém de sua idade.

Estando Filipe ausente, chegaram embaixadores do rei da Pérsia; Alexandre os acolheu, fez amizade com eles e, em certo momento, os subjugou por sua bondade e por não fazer nenhuma pergunta infantil ou sem sentido – ao contrário, se informava do comprimento e dos caminhos e da forma de viajar que faziam no interior da Ásia, assim como dos comportamentos guerreiros de seu rei e da coragem e força dos persas – que os embaixadores ficaram surpresos e sentiram que a tão célebre habilidade de Filipe não valia nada comparada ao brilho e grandeza de visão de seu filho (Plut. *Alex.* V, 1-3).

Outra cena que ainda ocorre na infância do macedônio é a sua primeira grande conquista, mas dessa vez não em um campo militar, mas durante a doma de seu famoso cavalo, Bucéfalo.

Alexandre respondeu: “- Pelo menos este iria lidar com isso melhor que o outro.” “- E se você não tiver sucesso, que castigo você está disposto a aceitar por sua imprudência?” “- Para Zeus”, disse Alexandre, “- pagarei o preço do cavalo”. Houve risos e logo a aposta entre eles foi formalizada. Ao mesmo tempo, Alexandre correu para o cavalo, agarrou as rédeas e virou-o para encarar o sol porque, ao que parece, ele havia notado que o animal estava perturbado ao ver sua própria sombra projetada acenando à sua frente. Por alguns momentos, ela estava andando ao lado dele e acariciando-o, enquanto o via furioso e ofegante. Com um salto que ele estava firmemente montado em sua garupa. Puxando um pouco do freio com as rédeas, ele conseguiu desacelerá-lo sem bater ou rasgar a boca; Quando viu que o cavalo estava adotando uma atitude ameaçadora e que estava ansioso para

¹⁵ “Filipe II teria prometido a Aristóteles a reconstrução de sua cidade natal, Estagira, destruída por ele mesmo no passado, em troca da oferta de formação do jovem príncipe” (Ziegler, 2009, p. 112-113).

correr, afrouxou as rédeas e se lançou com um grito já mais ousado e o chutou para frente. A princípio, Filipe e sua família ficaram sem palavras de preocupação, mas quando ele se virou e voltou a eles livremente, orgulhoso e feliz, todos começaram a aplaudir; e diz-se que seu pai chorou de alegria e que, quando desmontou, beijou-o na testa e disse: “- Meu filho, encontre um reino para você governar, porque a Macedônia é pequena demais para você” (PLUT. *Alex.* VI, 1-5).

Bucéfalo era tido como arisco e até mesmo perigoso pelo pai de Alexandre. No entanto, o garoto não se deixa abater e enfrenta o animal. Alexandre não usa nem de força nem de rapidez, nem cordas ou qualquer outro utensílio, mas sim, segundo Plutarco, de sua inteligência e do seu autodomínio. O cavalo, por fim, tinha medo de sua própria sombra e, ao ser levemente conduzido em direção ao sol, os seus “medos” são quebrados pelo príncipe que o recebe de presente do pai e, a partir de então, o acompanha ao longo de quase toda a sua expedição contra os persas.¹⁶ Segundo Whitmarsh (2002), é a *paideia* de Alexandre que quebra o mau comportamento, o comportamento “sem educação”, não adestrado do cavalo. Ao ver isso, Filipe teria creditado ao seu filho o autocontrole filosófico, ou seja, dado pela educação que Alexandre recebera, quase que predizendo sua capacidade de dominar seu futuro grande império.

A partir dos dois exemplos acima, em nossa visão, fica, como desfecho, as demonstrações de astúcia, coragem, destreza e domínio de si que Alexandre, provavelmente, teria herdado de suas ascendências nobre e divina, demonstradas ainda na infância durante a lapidação por meio da *paideia* grega recebida por Aristóteles. A *paideia*, tema central da cultura helênica é, também, um dos temas principais de Plutarco ao descrever seu Alexandre, perpetuado como um exemplo de comportamento. Temos aqui o terreno fértil para um bom governante, dotado por sua descendência e educação de qualidade capaz de, no futuro, desempenhar bem suas funções, tomando decisões acertadas no campo político e militar.

Se no começo da biografia Plutarco apresenta um Alexandre rústico e teimoso (PLUT. *Alex.* VII, 1-2), no final o retoma dentro dessas características ao apresentá-lo longe da influência de filósofos e da filosofia como um todo, cercado por aduladores e pelo luxo oriental. Entretanto, na maior parte do tempo, Alexandre foi colocado sob a máscara do “rei-filósofo”. Ele foi, segundo Plutarco, educado para tal empreitada, preparado por uma educação aos moldes gregos e acompanhado pela literatura homérica ao longo de sua expedição (PLUT. *Alex.* VIII, 2). Cercado por esses elementos, Alexandre é o mais preparado,

¹⁶ Além disso, em especial com o episódio do cavalo Bucéfalo, ficam demonstradas, também, as influências platônicas nas narrativas de Plutarco e na forma com a qual ele liga Alexandre ao *topos* do rei filósofo (WHITMARSH, 2002). A forma como o macedônio adentra o equino aparece quase como um comentário ao *Mito da Caverna* de Platão (Whitmarsh, 2002).

muito mais até que seu pai Filipe, para governar não somente a Macedônia, como todas as suas demais conquistas. Acreditamos que, com isso, Plutarco esteja mirando Trajano para seguir Alexandre.

Na *Anábasis* de Arriano, está escrita a história de uma expedição militar realizada por Alexandre, o Grande, frente aos persas. Seus relatos foram muito ricos em detalhes e têm como principal objetivo apresentar os aspectos militares da campanha de Alexandre de forma quase exaustiva. A narrativa enfatiza o número de soldados, as estratégias de cerco, as localizações geográficas, as descrições de terrenos e rios, entre outros elementos apresentados minuciosamente.

Contudo, para Philip A. Stander (1980, p. 77), a história foi narrada para se enquadrar em um formato, ou seja, uma obra que possuía um intuito historiográfico “e mantém Alexandre constantemente no centro das atenções, pois tudo o que é relatado tem uma relação direta com ele”, colaborando, assim, com a exaltação das qualidades desse personagem. Qualidades essas que, em nossa visão, foram julgadas por Arriano de forma muito moderada. Após determinados acontecimentos durante sua narrativa, Arriano fez reflexões próprias sobre a conduta, as tomadas de decisão e as ações do rei macedônio. Ao fazer essas reflexões, Arriano tentou, intencionalmente ou não, apresentar pequenos episódios tidos como polêmicos durante a vida de Alexandre, reforçando a ideia de que o que ele escreveu sobre o rei macedônio teria como finalidade criar uma espécie de cartilha destinada a apresentar um exemplo de conduta.

Em nosso entender, esse projeto de exemplo de Alexandre tem ampla ligação com as razões e leitores para os quais Arriano escreveria sua *Anábasis*. Esse projeto de construção de um monarca ideal em Alexandre foi percebido quando nos atentamos para os padrões inerentes à narrativa de Arriano, ou seja, “quando nos atentamos para os desejos constantes e intencionais do autor em destacar alguns elementos a fim de ter efeitos específicos em seus leitores/ouvintes” (Leme, 2011, p. 71).¹⁷ Com isso, acreditamos que Arriano procurou estabelecer em Alexandre um *homem-fronteira* que transita entre os elementos identitários greco-romanos, através dos ideais de virtude e virilidade, mas que, em determinados momentos se comportou como o grande outro, o bárbaro persa.

Seguindo os seus modelos de escrita, os gregos Xenofonte e Homero, Arriano procura em sua obra atrelar as ações de Alexandre a uma reflexão sobre a virtude de seu

¹⁷ Acreditamos serem os principais destinatários desse exemplo de conduta em Alexandre a elite romana e, em especial, os *princeps* romanos Trajano e Adriano. Ao longo de nossa análise, assim como fizemos com Plutarco ao ligar seus escritos alexandrinos a Trajano, estabeleceremos notas e comentaremos sobre as ligações presentes entre a narrativa alexandrina de Arriano aos *princeps* Antoninos.

herói. O Alexandre de Arriano se transforma, assim, não somente em um modelo a ser seguido e imitado, mas também, através de seus exemplos e de suas ações militares, em um elemento de comparação entre o civilizado e o não civilizado. Percebamos um Arriano que entendia e desejava projetar a cultura grega enquanto portadora de superioridade militar, política e de costumes percebidos na *Anábase* através das ações e comportamentos de Alexandre. A “educação dos não gregos [...]”, ou seja, “a sua helenização, poderia ser “dada” aos bárbaros por meio da guerra, conquista e exposição” (Aburto, 2015, p. 10).¹⁸

A *paideia* grega, portanto, tem um lugar de destaque na narrativa de Arriano e é um ponto chave para compreendermos sua obra alexandrina. Além de um relato militar, a *Anábase* traz consigo, portanto, questões morais e pedagógicas como uma cartilha de comportamentos que deveriam ser seguidos, e uma teoria política nova que, em nossa opinião, está de acordo com os projetos políticos dos Antoninos, aos quais Arriano tenta se aproximar.

Entre todas as virtudes de Alexandre — coragem, astúcia, clemência, justiça, temperança —, destacamos a construção de uma narrativa que apresenta Alexandre enquanto senhor de si e cheio de virilidade. Da mesma forma que nos escritos plutarquianos analisados anteriormente, buscamos aqui, em um primeiro momento, as características positivas no Alexandre de Arriano, o que o faz ser exemplo de homem viril, portanto virtuoso e modelo de governante ideal, para, posteriormente, nos adentrarmos em questões dúbias do rei macedônio apresentados pelo escritor de Nicomédia. Vale destacar aqui que, diferentemente de Plutarco, Arriano não possui uma mudança de narrativa ao longo de sua escrita. Os episódios tidos como negativos e os vícios de Alexandre o acompanham ao longo de sua vida e de sua expedição, convivendo lado a lado com as virtudes e os episódios positivos.

Arriano, ao contrário de Plutarco, pouco se interessou pela infância de Alexandre. Já nos primeiros parágrafos de sua *Anábase*, o nicomédio parte para as ações militares do macedônio, colocando-o enfrentando dificuldades após sua, possível, coroação como rei macedônio. Alexandre foi assim descrito enfrentando a oposição dos povos Trácios e Ilírios, que o forçaram a marchar sobre eles (ARR. *Anb.* I, I, 1-8). Alexandre os derrota, assim como derrotou povos da região do Danúbio e territórios celtas mais ao norte demonstrando incríveis capacidades militares e de força pessoal frente ao inimigo. Contudo, muito tempo longe das

¹⁸ A historiadora Leslie Lags Aburto (2015, p. 5), em seus estudos sobre a obra *Anábase* de Arriano, entende-a enquanto “um instrumento de fortalecimento da identidade grega em um mundo romano, tendo como objetivo estudar o processo de helenização da Ásia”. Segundo essa historiadora, não existia “helenização” na Antiguidade, apenas a ideia e o significado de “helenizar” (Aburto, 2015, p. 6). Esse helenizar, para Aburto é igual à transmissão da *paideia* em Arriano. Ou seja, “é através da ação de educar que nasce com a expedição de Alexandre, visível na preocupação constante de Arriano de relatar, através das práticas e atividades militares dos macedônios e gregos, as vantagens dos valores helenísticos frente aos bárbaros” (Aburto, 2015, p. 8-9).

terras gregas, Arriano relatou que teria surgido um boato de que Alexandre teria morrido. Esse rumor resultou em uma insurreição na cidade de Tebas (ARR. *Anb.* I, 7, 2-3). Esse episódio foi marcado como um dos primeiros momentos negativos de Alexandre, e o tratamos mais adiante.

Todavia, por mais que Tebas carregue uma carga negativa na vida de Alexandre, talvez aqui Arriano a vincule com a ascensão de Adriano e use o exemplo alexandrino de Tebas para justificar as ações de seu *princeps*. O imperador Adriano teria tido uma ascensão conflituosa. Sendo adotado por Trajano pouco antes de sua morte ou tendo a adoção forjada pela imperatriz Plotina após a morte de seu marido, fato foi que Adriano logo entrou em conflito com o grupo senatorial. Seja pela execução de quatro senadores opositores, seja pelas reformas realizadas logo após sua ascensão, Adriano deixou claro, logo no início de seu governo, que não hesitaria em romper qualquer privilégio do grupo senatorial na busca de se consolidar no poder, tal como Alexandre, ao destruir a famosa e respeitada cidade de Tebas.

Adriano também mudou a política externa do Império ao fazer a paz com o Império Parto, o mesmo contra o qual o imperador Trajano havia morrido combatendo. Isso também não teria ajudado na imagem do novo imperador frente ao grupo senatorial. A postura “defensiva”, mas não totalmente “pacifista” de Adriano, como nos lembra Leme (2013), criou inevitavelmente uma lacuna na *auctoritas* de Adriano, que precisava ser preenchida para consolidar sua permanência no poder. A escrita da *Anábase* vem, portanto, movida pelo interesse de legitimar politicamente e moralmente o *princeps*. Contudo, como vincular um grande conquistador com aquele que delimitou as fronteiras romanas e passou a integrar com maior força as diferentes partes do *orbis romanorum*? A resposta está na *paideia*.

Se seguirmos os escritos de Plutarco, foi durante a infância que o então príncipe macedônio teve contato com a filosofia e com a educação aos moldes gregos, em especial através dos ensinamentos do filósofo Aristóteles. Esse contato inicial com a filosofia foi percebido, posteriormente, na narrativa de Arriano, em algumas passagens que mostram Alexandre enquanto possuidor de uma ampla curiosidade e admiração pelos sábios, como nos encontros com os sábios hindus e com o filósofo Diógenes de Sinope. Da mesma forma que na narrativa plutarquiana, seria a *paideia* grega recebida por Alexandre e demonstrada nos seus comportamentos filosóficos ao longo de sua expedição que lhe garantiriam as qualidades e as virtudes ideais e positivas apresentadas por Arriano no trato com seus amigos, soldados, inimigos e família. Essas virtudes foram expostas através da generosidade (ἀφειδία - *apheidía*), humanidade (φιλανθρωπία – *philanthrōpía*), coragem (ἀνδρεία – *andreía*), astúcia

(*περιφροσύνη* - *periphrosyne*) e temperança/domínio de si (*σοφροσύνη* – *sôphrosýnê*) colocadas em Alexandre ao longo de sua narrativa.

Arriano constrói o melhor dos homens em Alexandre através de sua formação. Ser possuidor da *paideia* era, portanto, o que fazia Alexandre ser virtuoso. Ao exaltar a *paideia* grega em seu Alexandre, Arriano buscou duas coisas: exaltar a excelência das virtudes gregas, assim como propor uma teoria política nova que tinha como objetivo final a helenização. Assim, compreendemos a *paideia* como uma espécie de fronteira entre o civilizado, que encontraria em Alexandre o modelo a ser seguido, e o não civilizado, aquele que permaneceria bárbaro. Ser o “mais capaz” era ser o educado, o preparado para assumir a posição de cidadão e/ou governante. Os exemplos dados por Alexandre, através das virtudes colocadas e construídas nele por Arriano buscaram orientar os leitores da *Anábase* não somente em aspectos militares, mas também em questões morais.

As virtudes e a virilidade de Alexandre o fazem não somente o melhor dos homens, mas aquele que melhor governa, desde o campo de batalhas até os seus desejos e impulsos. O autocontrole assim, desenvolvido por Arriano, ressaltava a formação grega de Alexandre. Por mais que Arriano não mostrasse o momento de habituação ou treinamento de Alexandre durante sua infância, o que vemos em seus relatos era a conclusão desse processo, ou seja, um Alexandre já pronto, possuidor das virtudes dadas pela filosofia, via *paideia*. O autocontrole de Alexandre é assumido por Arriano, assim como por Plutarco, como parte conquistada do caráter de Alexandre. Seja na batalha, seja na administração imperial ou nas necessidades corporais, o rei macedônio se coloca enquanto portador de uma *sôphrosýnê* invejável e exemplar para aqueles que lêem a *Anábase*.

Conclusão

Apesar de Plutarco e Arriano escreverem obras de gêneros literários opostos, objetivaram a mesma coisa em suas construções de Alexandre. Tanto a obra *Vida de Alexandre* como a *Anábase de Alexandre Magno* constroem Alexandre a partir da visão dos autores, das escolhas, do formato literário e do ambiente externo que as rodeiam. Ou melhor, cada obra e, conseqüentemente, cada autor, constrói um caráter de Alexandre dando enfoque às suas virtudes e elementos positivos. Mas, tanto para Plutarco como para Arriano, as duas maiores virtudes de Alexandre estavam presentes em sua *paideia* e em seu autocontrole/temperança.

Ambos os autores estão em comum acordo de que Alexandre, em um primeiro momento, era o melhor dos homens. Em parte disso porque Alexandre teria sido educado aos

moldes gregos pelo filósofo Aristóteles e, com isso, esteve cercado pelos ensinamentos filosóficos, e se portou no campo de batalha, nas relações pessoais e na administração do Império como um verdadeiro rei-filósofo, um bom-general, o mais capaz dos homens. Através disso, acreditamos que ambos os autores visavam construir uma cultura comum entre gregos e romanos que deveria ser baseada, em primeira instância, na filosofia grega, adquirida por meio da *paideia* helênica.

Tanto através das obras plutarquianas como na *Anábasis* de Arriano, percebemos que o *exemplum* de Alexandre ocupa um papel central na educação moral do governante romano e da elite aristocrática romana como um todo. É através desse exemplo que a teoria foi posta em prática, ou seja, ficaria “palpável” ao homem e, assim, esse estaria sujeito e instigado à imitação, a emulação daquele que era posto enquanto modelo o *princeps*.

Fontes

ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno**. Libros I – III. Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

ARRIANO. **Anábasis de Alejandro Magno**. Libros IV – VIII (Índia). Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

ARRIAN. **Anabasis Alexandri**. Books I – IV. Trad. Peter Brunt. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. The Loeb Classical Library, 1989.

ARRIAN. **Anabasis Alexandri**. Books V – VIII (Índia). Trad. Peter Brunt. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. The Loeb Classical Library, 1989.

PLUTARCO. **Vidas paralelas VI**. Introdução, Tradução e Notas de Jorge Bergua Gavero, Salvador Bueno Morillo e Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

PLUTARCO. **A ‘Fortuna’ ou A ‘Virtude’ de Alexandre Magno**. Tradução, Introdução e Comentários de Renan Marques Liparotti. São Paulo: Editora Annablume, 2017.

Referências Bibliográficas

ABURTO, L. L. La Helenización de Oriente em la Anábasis de Arriano de Nicomedia. Uma aproximación, **Revista Historica UdeC**, v. 2, n. 22, jul./dez. 2015, p. 5-30.

CARVALHO, M. M. de. **Paideia e Retórica do século IV d.C.** A construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregorio Nazianzeno. Annablume: São Paulo, 2010.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. Vol. 3: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições GRAAL, 1998.

GAIA, D. V. Os Antoninos: o apogeu e o fim da Pax Romana. In: OLIVEIRA, J. L. B. F. de. (Coord.). **História de Roma Antiga. Império Romano do Ocidente e Romanidade Hispânica**. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra. Vol. 2, 2020, p. 175-215.

HARVEY, P. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

HARTOG, F. **Memória de Ulisses**: Narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

JOSÉ, N. F. **Imagens discursivas sobre Augusto nas biografias e histórias do Principado Romano (séculos I a.C. a III d.C.)**. Tese de Doutorado em História defendida na Universidade Estadual Paulista, UNESP/campus de Franca, 2016.

LEME, A. L. Ascensão e Legitimação de Alexandre, o Grande na Anábase de Alexandre Magno de Arriano de Nicomédia, **Revista Vernáculo**, n. 21 e 22, 2008, p. 9-27.

_____. **A estratégia política no principado romano do século II d.C.**: a comparação entre Alexandre, o Grande, e Adriano segundo a Anábase de Arriano de Nicomédia. Dissertação de Mestrado em História defendida na Universidade Federal do Paraná, 2011.

_____. Resgate e construção da Imagem de Alexandre, o Grande: Arriano de Nicomédia e sua ‘Anábase’ de Alexandre Magno (século II d.C.). In: BIRRO, R. M.; CAMPOS, C. R. (Orgs.). **Relações de Poder**: da Antiguidade ao Medievo, vol. 1. Vitória: DLL/UFES, 2013, p. 217-247.

PAUSE, H. H. **Sexo, Gênero e Humor na Roma do principado**: rindo da passividade e da efeminação masculina com os epigramas de Marcial (séculos I – II d.C.). Monografia de Graduação em História apresentada na Universidade Federal de Santa Maria, 2018.

SANT’ANNA, H. M. de. **Alexandre Magno**: a paixão da guerra. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011, p. 6-14.

SYME, R. The Career of Arrian, **Harvard Studies in Classical Philology**, v. 86, p. 181-211, 1982.

SILVA, M. F. Alexandre da Macedônia: um paradigma de excelência, **Imagens da Educação**, v. 2, n. 3. 2012, p. 1-10.

SILVA, M. A. **Plutarco e Roma**: o mundo grego no Império Romano. Tese de Doutorado em História defendida na Universidade de São Paulo, 2007.

STADTER, P. **Arrian of Nicomedia**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1980.

WALLACE-HADRILL, A. Culture, identity and power. In: _____. **Rome’s cultural revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 03-37.

WHITMARSH, T. Alexander’s Hellenism and Plutarch’s Textualism. **The Classical Quarterly**, v. 52, n. 1, 2002, p. 174-192.

ZIEGLER, V. **Plutarco e a formação do governante ideal no Principado Romano**: uma análise de biografia de Alexandre. Dissertação de Mestrado em História defendida na Universidade Estadual Paulista/campus de Assis, 2009.

Submetido em: 01 abr. 2025

Aceito em: 10 jul. 2025